

JAGUAR / 1979

Um filme de Lino Brocka

Realização: Lino Brocka / *Argumento:* José F. Lacaba e Ricardo Lee, baseado numa reportagem publicada em 1961 por Nick Joaquin / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor): Conrado Baltazar / *Cenários:* Bobby Bautista / *Figurinos:* Bong Chua (só o vestuário de Amy Austria) / *Música:* Vanishing Tribe; as canções “Isang Karaniwang Tao” e “Bahaghan”, com letras de José F. Lacaba e música dos Vanishing Tribe são cantadas por Boy Camara / *Montagem:* Rene Tala / *Som:* Luís Reyes e Ramón Reyes (supervisão), Sebastian Sauson (efeitos sonoros) / *Interpretação:* Philip Salvador (*Poldo, o “jaguar”*), Amy Austria (*Cristy*), Menggie Cobarruias (*Sonny Gaston*), Johnny Delgado (*Direk*), Anita Linda (*a mãe de Poldo*), Mario Escudero (*Berling*), Jimmy Santos, Joe Cunanan, Fred Param e outros. *Produção:* Rolando S. Atienze (produtor executivo) para Bancom Audiovision (Manila), em coprodução com Cinema Artista Philipines, LVN Productions e Regal Films / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em francês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* nas Filipinas, 31 de Agosto de 1979 / *Primeira apresentação em Portugal:* ao que se crê, no Festival da Figueira da Foz, Setembro de 1982.

Lino Brocka tornou-se conhecido na Europa quando este INSIANG (1976) foi programado no Festival de Cannes, na Quinzena dos Realizadores, em 1978. Foi considerado de imediato uma importante descoberta para a crítica e os cinéfilos europeus na passagem dos anos 70 para os 80. Tratava-se do seu décimo-terceiro filme e Brocka já chegava à casa dos quarenta anos. Como os críticos europeus nada sabiam do seu trabalho e muito menos o que era o cinema filipino, quiseram imediatamente saber mais. JAGUAR (1979) foi programado em Cannes em 1980 e alguns outros filmes seus, como os belos MAYNILA SA MGA KUKO NG LIWANAG/“MANILA, NAS GARRAS DO NÉON” (1975) e BONA (1980), tiveram distribuição no circuito de autor europeu. INSIANG, por exemplo, teve distribuição comercial até mesmo no muito periférico mercado português em 1984, com o título INSIANG, O LÍRIO DE MANILA. JAGUAR, cuja exportação fora proibida pelas autoridades filipinas, acabou por ser exportado graças ao eco que teve em Cannes.

Neste período, Brocka foi muito merecidamente objeto de artigos e entrevistas nas páginas mais cinéfilas da imprensa europeia. A sua originalidade era tão evidente quanto a sua mestria e a sua autenticidade. Mas uma visão puramente “autorista” da sua obra podia trazer algumas deceções, pois Brocka trabalhou, sobretudo nos seus primeiros anos, no contexto industrial de um país subdesenvolvido: um cinema desabridamente comercial e destinado ao grande público, um país onde os iletrados somavam cerca de quarenta por cento da população e onde o número de espectadores de cinema era colossal (80% da população ia regularmente ao cinema, conta-nos o realizador), além de ser submetido a um regime ditatorial, violento e corruptíssimo, cuja “primeira-dama” e copresidente dava-se ares de diva de cinema. A cena de JAGUAR que mostra a rodagem de um filme, em que a vedeta feminina é atirada à água (para molhar a camisa e deixar entrever os seios) e violada logo a seguir é uma paródia do cinema “normal” filipino, conta-nos o realizador, e suscitou boas gargalhadas junto ao público popular nas salas do país. Por isso, o crítico Justino Dormiendo observou num texto de 1982 que Lino de Brocka era “o talento mais revolucionário do cinema filipino”, porque os seus filmes permitiram que um cinema de qualidade “emergisse de uma indústria baseada na mediocridade, no mercantilismo mais grosseiro e no cliché”.

Mas o facto de Lino Brocka ter realizado filmes de qualidade, que continuam marcantes quase quarenta anos depois de feitos, não significa que fizesse um cinema elegantemente artístico, *arty*. Fazia um cinema popular, em todos os sentidos do termo: destinado às plateias populares e situado nos meios populares, muitas vezes nas favelas de Manila, de onde são originários muitos dos seus atores, que não têm nenhuma formação escolar e são provenientes de um grupo teatral criado por ele. Brocka observa que os meios *lumpen* são “uma grande fonte de talentos e de energia” desperdiçados na sua grande maioria por uma sociedade que pratica, com método, o *apartheid* social. Segundo ele, o motivo dos seus atores serem “tão naturais” se deve simplesmente ao facto dos seus filmes contarem “completamente a história deles”. Numa entrevista a uma revista francesa, Brocka explica que achava muito bonitos os atores e atrizes que escolhia, mas que nas Filipinas estes atores não eram de todo considerados *sex symbols*: “São rostos populares, muito comuns nas camadas sociais mais pobres. Nas Filipinas, o público gosta de atrizes muito brancas e lisas, como Catherine Deneuve. Amy Austria [protagonista feminina de JAGUAR] é mestiça e vem do gueto. Gosto de atores ao mesmo tempo endurecidos e vulneráveis. O lado infantil deve aparecer, mas evitando qualquer pieguice”. Para contar estas histórias com estas pessoas, Lino de Brocka não teve medo de assumir completamente o carácter impuro do cinema. São evidentes em JAGUAR os ecos dos filmes de *kung-fu* (que nos anos 70 e 80 foram o grande género popular por excelência, em escala planetária), mas também há elementos melodramáticos eróticos e de *thriller*. Lino Brocka conhecia bem o público popular do seu país, para o qual fazia os seus filmes, por isso tomava “como base aquilo que as pessoas querem ver. Para os atrair, recheio os meus filmes com cenas de ação como eles estão habituados a ver, ponho sangue e sexo. Mas nada disso me interessa. São um pretexto para evocar a realidade social do meu país”.

JAGUAR é um filme que exemplifica à perfeição estas ideias e estas práticas. O mais surpreendente é que este filme tão “mestiço” seja tão coeso. Isto se deve sem dúvida às grandes capacidades narrativas do realizador, que sabe contar histórias, sabe enchê-las de imprevistos e suscitar a identificação do espectador com o protagonista. A demonstração social é feita com autênticos personagens de carne e sangue, não com proletários e burgueses abstratos. Como bem observou Jacques Fieschi, sincero admirador europeu do cinema de Lino Brocka, o protagonista de JAGUAR não é “o herói exemplar de uma lição marxista”, como poderia ter sido. Fieschi acrescenta: “A arte de Lino Brocka joga constantemente com as trocas entre a ingenuidade dos temas e a sutileza subversiva com que são tratados. Os sonhos dos pobres podem se virar pelo avesso de modo radical e cruel e o isqueiro de ouro que oferecem a Jaguar se torna uma joia de mau agouro que lhe traz desgraças. Uma emoção de romance barato dá carne à crítica social de JAGUAR, mas a grandeza do filme nasce da aspereza totalmente política que dele emana. O espectador toma apaixonadamente partido pelos heróis desarmados e ingénuos. Os danados da terra fazem-nos chorar como num melodrama”.

Tudo isto toma corpo através de uma estupenda *mise en scène*, precisa, exata, em que cada sequência é totalmente controlada, sem que jamais o ritmo de conjunto da narrativa se perca de vista. Lino Brocka tem um domínio instintivo, quase musical, do ritmo cinematográfico. Alterna com a máxima facilidade cenas intensas e pausas narrativas. O filme começa lentamente, com uma série de planos sem diálogos, só com música. Mal a ação propriamente dita começa, há uma intensa cena de pancadaria. Da sordidez da favela (as sequências foram filmadas *in loco*) passamos com a máxima fluidez ao mundo dos ricos e ao dos sonhos cinematográficos. E depois da cena decisiva, em que Jaguar desgrça a sua vida, em vez de mostrar uma perseguição, em vez de fazer “cinema de ação”, Lino Brocka tem a inteligência e a delicadeza de interiorizar os sentimentos do protagonista, mostrar-nos a sua derrota e a sua solidão. O filme poderia ter acabado aí, mas o epílogo era necessário: o momento em que Jaguar toma verdadeiramente consciência – consciência *social* – do que se passara, percebe o que fora o seu percurso e avança para o seu ex-patrão para trucidá-lo. O ponto final deste filme realizado com mão de mestre também é o seu ponto culminante.